

Renato Dornelles superou obstáculos raciais e se tornou destaque no jornalismo, na literatura e na produção de documentários

reportagem cultural



Das páginas policiais para as imagens do cinema

Daniel Rodrigues, especial para o JC

Pela sabedoria ancestral africana, Xangô é o orixá da justiça. Seus filhos de terreiro, assim, nascem para superar complicados obstáculos e vencerem na vida pelo talento e pela perseverança. Com um imaginário Oxé nas mãos, o machado de Xangô símbolo da lei, também não aceitam o destino como algo inalcançável: correm atrás do que acreditam. Mesmo que isso leve tempo. Mesmo que isso demande muito trabalho.

Não por coincidência, o senso de justiça é parte crucial da história deste filho de Xangô com Oxum chamado Renato Dornelles. Jornalista, escritor e cineasta, Renatinho, como é conhecido entre colegas e amigos, aprendeu desde cedo que, como pessoa preta, precisava achar a sua forma de vencer na vida. Percorrendo alguns dos ambientes da sede da Sociedade Floresta Aurora, no Belém Velho, Zona Sul de Porto Alegre - o mais

antigo clube negro do País, com 153 anos, e do qual é sócio e antigo frequentador -, Renato conta que vem de família de muitos músicos, mas nunca aprendeu a tocar instrumento algum. Porém, identificou-se cedo com aquilo que o pai um dia lhe ensinava quando ainda criança: a escrita.

Nascido há pouco mais de seis décadas em Porto Alegre, no dia 15 de maio, Renato, filho de Hélio Sadi e Neusa Marlene Dornelles, cresceu entre a Cavalhada, na Zona Sul, onde morava com os pais e os quatro irmãos, e a Colônia Africana (atualmente, o bairro Rio Branco), para onde ia regularmente visitar os avós e se abastecer daquela atmosfera quilombola resistente e ao mesmo tempo festiva. Formado pela Pucrs em 1986, e com especialização em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Estácio de Sá (2021), este torcedor do Internacional e da escola de samba Bambas da Orgia atuou por 33 anos como repórter, editor e colunista, tendo

recebido cerca de 40 premiações, entre estes sete prêmios ARI e três prêmios Direitos Humanos (MJDH).

Foi esse talento com as palavras que fizeram deste homem negro de baixa estatura, ar sereno e fala agradável, mas determinado e consciente de seu axé, galgar espaço numa sociedade segregadora e pouco inclusiva. Primeiro, no Jornalismo. Depois, na literatura e, enfim, no cinema.

O jornalismo policial, no entanto, foi a porta de entrada. Em 1985, Renato fez parte da primeira turma do ainda não assim intitulado programa Caras Novas, que o grupo de comunicação gaúcho RBS promove para dar espaço a novos talentos. Neste meio tempo, entrou para a Rádio Gaúcha, também do grupo, e, pouco depois, foi chamado para compor o time de reportagem da editoria de Polícia do jornal da empresa, Zero Hora.

Entre uma cobertura e outra, Renato foi colhendo informações sobre o funcionamento do nascent

te crime organizado no Rio Grande do Sul. Este rico material, que se tornaria anos depois o livro *Falange Gaúcha - O Presídio Central e a história do crime organizado no RS*, também lhe serviu de estopim para aquilo que viria a produzir em cinema. O tema da segurança e da criminalidade virariam sua marca. “O Renato é hoje o jornalista brasileiro que mais mergulhou na realidade dos presídios, das delegacias, nos desvãos da atividade policial”, aponta o colega e amigo Cláudio Britto, jornalista e advogado que já atuou também como promotor de Justiça.

“Renato Dornelles é um ícone do jornalismo gaúcho”, salienta Felipe Bortolanza, jornalista e ex-colega de Zero Hora e Diário Gaúcho, este último o jornal que os dois ajudaram a formar em 2000. “Fui ‘foca’ do Renato e depois formamos uma relação de mais de 15 anos circulando entre as editorias de Esportes, Geral e Polícia. Fora da redação, é um profissional

muito respeitado em várias áreas e, dentro da redação, uma pessoa carismática, extrovertida e amiga”, completa Bortolanza.

No audiovisual, onde entrou de cabeça nos últimos 10 anos por influência da parceira e sócia na produtora Falange Produções, a jornalista e cineasta Tatiana Sager, codirigiu e/ou roteirizou os premiados documentários *Central - O Poder das Facções no Maior Presídio do Brasil* (2017) e *Olha Pra Elas* (2023), a série *Retratos do Cárcere* (2020) e os curtas *Enjaulados* (2015) e *Envergo, Mas não Quebro* (2024). Ainda com Tatiana, escreveu o livro *Paz nas Prisões, Guerras nas Ruas*, de 2021. “Renato é o melhor amigo e parceiro que tive até hoje e que terei por toda a vida”, declara Tatiana.

Há mais por vir dessa dupla. O tema dos Direitos Humanos permeia *Violadas e Segregadas*, documentário inédito que retrata o cotidiano de travestis e mulheres trans no sistema prisional, previsto para lançamento este ano. E Renato adianta: “Tivemos também aprovados em editais dois projetos de longas, um que trata da população LGBTQIA+ depois da passagem pela cadeia e outro sobre pessoas em situação de rua”.

O Oxé de Xangô segue mirando justiça.

Leia mais na página central